

Removendo os Empecílhos para a fé em Cristo

Por
Silvio Dutra

Ago/2019

A474

Alves, Silvio Dutra

Removendo os empecilhos para a fé em
Cristo

Silvio Dutra Alves – Rio de Janeiro, 2019

25p.; 14,8 x21cm

1. Teologia. 2. Vida Cristã. 3. Alves, Silvio Dutra.
I. Título.

CDD 252

Lucas 17.1,2 - Vide Mateus 18.6

1 Disse Jesus a seus discípulos: É inevitável que venham escândalos, mas ai do homem pelo qual eles vêm!

2 Melhor fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma pedra de moinho, e fosse atirado no mar, do que fazer tropeçar a um destes pequeninos.

Estas palavras de Jesus não foram lançadas sem que houvesse qualquer direcionamento específico para as mesmas. Ainda que elas sejam do caráter de uma aplicação geral, certamente foram inspiradas pelas insinuações maliciosas dos escribas e fariseus, dirigidas contra Ele e os publicanos e pecadores a quem Jesus ministrava, de modo a balançar principalmente a fé dos seus discípulos quanto à idoneidade dEle. Esta atitude dos escribas e fariseus fez com que Jesus citasse as parábolas que temos nos capítulos anteriores (15 e 16), para justificar a pregação que vinha fazendo com a acolhida de toda a sorte de pecadores que vinham ouvi-lo.

Os fariseus pensavam erroneamente que Jesus jamais poderia ser o Messias prometido, porque, no entendimento deles, ele se manifestaria com grande poder político,

subjugando todas as nações aos pés de Israel, inclusive os romanos que os dominavam na ocasião, e que eles, os líderes religiosos de Israel seriam os assessores diretos do Messias. No entanto, não somente estavam sendo repreendidos por Jesus, como também viam nEle um indouto, filho de um carpinteiro, que sequer tinha onde reclinar a cabeça, sendo seguido por alguns incautos, e proclamando-se a Si mesmo igual a Deus e o próprio Messias.

Eles então procuravam ridicularizá-lo, negar suas poderosas obras e palavras, porque não entendiam também que Ele não seria um profeta nos moldes do Antigo Testamento, proclamando a vinda do Messias, como fora o próprio João Batista, o último deles. Jesus era o grande Profeta que traria a vontade final de Deus não somente para Israel, mas para toda a humanidade. Ele veio substituir a Antiga Aliança por uma Nova, conforme já havia sido profetizado nos dias do Velho Testamento (Jeremias 31.31-35; Ezequiel 36.24-26). Daí, principalmente, não ter sido reconhecido pela maioria dos judeus, que por séculos estavam aferrados ao judaísmo, e a todas as cerimônias e ritualismo do Velho Testamento, que sendo cumpridos como figuras que eram, na própria pessoa de Jesus, seriam inteiramente revogados.

Mas, todos aqueles que estavam sendo instruídos pelo Espírito Santo como foi o caso dos apóstolos e demais discípulos, veio o entendimento de que de fato a Lei veio por meio de Moisés, para uma Antiga Aliança, mas Jesus, veio como Mediador de uma Nova Aliança, trazendo não somente a graça para a nossa salvação, como a verdade pela qual somos santificados.

Havia então este grande risco de se escandalizar os pequeninos, que são os escolhidos de Deus para entrarem no Seu reino, por lhes afastar da única doutrina que pode nos salvar, a saber a fé completa e incondicional em Jesus como Senhor e Salvador. E todo o trabalho dos escribas e fariseus caminhava exatamente nesta direção, por influência do diabo, para dificultar ou impedir a conversão destes pequeninos.

Aqui, Jesus associa este ensino ao fato de nos esforçarmos para não cometermos o pecado do escândalo, ou seja, sermos pedra de tropeço na vida de outros, especialmente pecarmos contra aqueles que são os menores no corpo de Cristo, ou então aqueles que estão prontos a se converter, e que não se convertem por causa do nosso mau testemunho.

O Senhor dá grande valor à menor das Suas ovelhas. À que tiver menos importância no Seu corpo, Ele dará um maior cuidado. Deveríamos ter isto em lembrança para não desprezarmos com nossos sentimentos de vanglória a qualquer que julgemos não ter grande importância no reino de Deus.

Nosso Senhor diz que seria melhor arrancar um dos membros de nosso corpo do que cometer este pecado de servir de motivo para que outros venham a se escandalizar, e a recuarem na fé, por nossa causa.

Lucas 17.3-10 - Vide Mateus 18.21,22

3 Acautelai-vos. Se teu irmão pecar contra ti, repreende-o; se ele se arrepender, perdoa-lhe.

4 Se, por sete vezes no dia, pecar contra ti e, sete vezes, vier ter contigo, dizendo: Estou arrependido, perdoa-lhe.

5 Então, disseram os apóstolos ao Senhor: Aumenta-nos a fé.

6 Respondeu-lhes o Senhor: Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a esta amoreira:

Arranca-te e transplanta-te no mar; e ela vos obedecerá.

7 Qual de vós, tendo um servo ocupado na lavoura ou em guardar o gado, lhe dirá quando ele voltar do campo: Vem já e põe-te à mesa?

8 E que, antes, não lhe diga: Prepara-me a ceia, cinge-te e serve-me, enquanto eu como e bebo; depois, comerás tu e beberás?

9 Porventura, terá de agradecer ao servo porque este fez o que lhe havia ordenado?

10 Assim também vós, depois de haverdes feito quanto vos foi ordenado, dizei: Somos servos inúteis, porque fizemos apenas o que devíamos fazer.

A questão colocada anteriormente sobre a importância de não se escandalizar a qualquer pessoa que Deus esteja chamando à conversão pela fé em Cristo, é de tal ordem, que no assunto do exercício do perdão, isto não deve ser visto apenas como algo de caráter pessoal, para a harmonização entre as partes diretamente envolvidas, mas para que ninguém se indisponha a vir a Cristo, por causa de um mau testemunho observado no comportamento dos

cristãos, que em vez de unidade em comunhão amorosa, vivam em disputas e divisões.

Daí o cuidado ordenado pelo Senhor aos crentes, para que nunca deixem ocorrer pendências nesta área, e que aqueles que tiverem queixa contra outrem sempre se disponham a exercitar o perdão para que haja a restauração da unidade espiritual no corpo do Senhor, que é a Igreja.

E não há limites fixados para o exercício deste perdão, ainda que seja em relação a uma mesma pessoa que se mostre arrependida. Deus nos tem perdoado todas as nossas ofensas por causa da expiação de nossos pecados realizada pelo alto preço pago por Jesus em sua morte na cruz, e Ele não tinha qualquer pecado. E se Deus assim nos perdoou, quem somos nós, pecadores, a não nos dispormos a perdoar a outros?

Ao agir desse modo, nenhum crente está fazendo qualquer favor excepcional a Deus, senão cumprindo aquilo que é seu dever no reino espiritual dos céus. O perdão de pecados é o próprio coração da dispensação da graça, da nova aliança que Jesus instituiu em Seu sangue, e como alguém no Seu corpo se oporia a isto? Não se trata de sentir ou não sentir que se deve perdoar, mas cumprir a ordenança divina, do

mesmo modo que um servo atende ao seu senhor em tudo o que está prescrito a ele como sendo seu dever.

Sobre ser servo inútil, Spurgeon assim se expressou:

“Assim também vós, quando fizerdes todas as coisas que vos são ordenadas, dizei: Somos servos inúteis: fizemos o que é nosso dever fazer” (Lucas 17.10). Este é o VEREDICTO DE AUTORREBAIXAMENTO dado a partir do coração de servos que tinham trabalhado laboriosamente a plena obra do dia. Esta é uma parte de uma parábola destinada a repreender todas as noções de autoimportância e mérito humano. Quando um servo estiver lavrando ou alimentando o gado, seu mestre não lhe diz: “Sente-se e eu esperarei por você, pois estou profundamente em dívida com você.” Não, seu mestre lhe ordena que prepare a refeição da noite e espere ele. Seus serviços são devidos e, portanto, seu mestre não o elogia como se ele fosse uma maravilha e um herói. Ele só está cumprindo seu dever se perseverar desde a luz da manhã até o pôr-do-sol e não espera, de modo algum, que seu trabalho seja admirado ou recompensado com pagamento extra e humilde agradecimento. Tampouco devemos nos gabar

de nossos serviços, mas pensarmos pouco deles, confessando que somos servos inúteis.

Nosso texto destina-se a nos repreender se pensarmos que fizemos o suficiente, que suportamos o fardo e o calor do dia por muito tempo e que fomos mantidos em nosso posto além de nossa própria vigilância. Se concluirmos que alcançamos um belo trabalho de colheita e devemos ser convidados para descansar, o texto nos censura. Se sentimos uma cobiça desordenada por consolo e desejamos que o Senhor nos dê uma recompensa presente e marcante pelo que fizemos, o texto nos envergonha. Este é um espírito orgulhoso, não infantil, sem serventia, e deve ser colocado para baixo com uma mão firme.

Em primeiro lugar, de que maneira podemos ter aproveitado a Deus? Elifaz disse bem: "Pode um homem ser proveitoso para Deus, assim como o sábio pode ser proveitoso para si mesmo? É um prazer para o Todo-Poderoso que você é justo? Ou é ganho para Ele que você faça os seus caminhos perfeitos?" Se nós demos a Deus os nossos bens, Ele é nosso devedor? De que modo enriquecemos a quem pertence toda a prata e ouro? Se pusemos nossas vidas fora com a devoção de mártires e missionários por amor a

Ele, o que é aquilo para Ele, cuja glória enche os céus e a terra? Como podemos sonhar em colocar o Eterno em dívida conosco? O espírito correto é dizer com Davi: "Ó minha alma, disseste ao Senhor: Tu és meu Senhor, a minha bondade não se estende a você; mas aos santos que estão na terra e aos excelentes, em quem está todo o meu prazer".

Como pode um homem colocar seu Criador sob uma obrigação para com ele? Não nos deixe ser tão blasfemos. Queridos irmãos, devemos nos lembrar de que qualquer serviço que tenhamos prestado foi uma questão de dívida. Espero que a nossa moralidade não caia tão baixo que tenhamos crédito para nós mesmos pelo pagamento de nossas dívidas. Eu não encontro homens em negócios se orgulhando e dizendo: "Eu paguei mil libras esta manhã para tal pessoa". "Bem, você deu para ele?" "Oh não, era tudo devido a ele"? Que grande coisa foi então? Chegamos a um estado tão baixo de moral espiritual que achamos que fizemos muito quando damos a Deus o devido? "É Ele que nos criou e não nós mesmos." Jesus Cristo nos comprou, "nós não somos nossos", pois somos "comprados por um preço". Também fizemos uma aliança com Ele e nos entregamos a Ele voluntariamente. Não fomos batizados em seu nome e em sua morte? Tudo o que podemos

fazer é apenas o que Ele tem o direito de reivindicar em nossas mãos de nossa criação, redenção e entrega professada a ele. Quando tivermos perseverado no árduo trabalho de lavrar, até que nenhum campo seja deixado sem cultivo, quando tivermos feito o trabalho mais agradável de alimentar as ovelhas, e quando tivermos terminado, espalhando a mesa de comunhão para nosso Senhor, quando tivermos feito tudo, não fizemos mais do que o nosso dever. Por que nos gabamos, então, ou clamamos por uma recompensa, ou procuramos agradecimentos? Além disso, há o triste reflexo de que, infelizmente, em tudo que fizemos, não fomos lucrativos por sermos imperfeitos. Na lavoura houve falhas, na alimentação do gado houve severidade e esquecimento, na preparação da mesa as provisões foram indignas de tal Senhor que servimos. Como deve aparecer nosso serviço àquele de quem lemos: "Eis que ele não confia em Seus servos e a Seus anjos Ele atribui loucura". Algum de vocês pode olhar para trás em seu serviço ao seu Senhor com satisfação? Se você puder, não posso dizer que invejo você, pois não simpatizo com você em nenhum grau, mas temo pela sua segurança. Quanto a mim, sou obrigado a dizer com solene verdade que não estou contente com nada que já fiz. Eu meio que desejei viver minha vida de novo, mas agora

lamento que meu coração orgulhoso tenha me permitido assim, já que as probabilidades são de que eu deveria fazer o pior pela segunda vez. Seja qual for a graça que tenha feito por mim, reconheço com profunda gratidão, mas até onde fiz eu mesmo, peço perdão por isso. Eu oro a Deus para perdoar minhas orações, pois elas estão cheias de culpa. Suplico-lhe que perdoe até mesmo essa confissão, pois não é tão humilde quanto deveria ser. Suplico-lhe que lave minhas lágrimas, purgue minhas devoções e me batize em um verdadeiro sepultamento com meu Salvador, para que eu seja completamente esquecido em mim mesmo e seja lembrado apenas nEle.

Ah, Senhor, você sabe até onde estamos aquém da humildade que devemos sentir. Nos perdoe nessa coisa. Nós somos, todos nós, servos inúteis, e se nos julgar pela lei, devemos ser lançados fora. Ainda, não podemos nos congratular, mesmo que tenhamos tido sucesso na obra de nosso Senhor, pois, por tudo que fizemos, estamos em dívida com a abundante graça de nosso Senhor. Se tivéssemos feito todo o nosso dever, não teríamos feito nada se a Sua graça não nos permitisse fazê-lo. Se o nosso zelo não tiver descanso, é Ele que mantém o fogo aceso. Se nossas lágrimas de arrependimento fluem, é Ele que atinge a rocha e tira as águas

dela. Se existe alguma virtude, se há algum louvor, se há alguma fé, se há algum fervor, se há alguma semelhança com Cristo, somos Sua obra, criada por Ele e, portanto, para nós mesmos, não ousamos pegar uma partícula do louvor. De ti mesmo te damos, grande Deus! Tanto quanto qualquer coisa valeu a sua aceitação, foi sua própria de antemão. Portanto, os melhores ainda são servos inúteis. Se tivermos uma causa especial de arrependimento por causa de algum erro evidente, seremos sábios em ir com um espírito humilde e confessar a falta e depois continuarmos fazendo o trabalho de cada dia em um espírito humilde e esperançoso.

Sempre que você ficar angustiado porque não pode fazer o que faria; sempre que você vir a falta de seu próprio serviço e se condenar por isso, o melhor é ir e fazer algo mais com a força do Senhor. Se você ainda não serviu bem a Jesus, vá e faça melhor. Se você cometer um erro, não diga a todos e diga que nunca mais tentará, mas faça duas coisas boas para compensar o fracasso. Diga: "Meu abençoado Senhor e Mestre não será mais um perdedor para mim do que eu posso ajudar. Eu não vou me preocupar tanto com o passado como emendar o presente e acordar para o futuro". Irmãos, tentem ser mais proveitosos e pedir mais graça. O serviço

do servo não é se esconder num canto do campo e chorar, mas continuar arando; não chorar com as ovelhas, mas alimentá-las e provar seu amor a Jesus. Você não deve ficar de pé à cabeceira da mesa e dizer: “Eu também não preparei a mesa para o meu Mestre como eu poderia ter desejado.” Não, vá e prepare-a melhor. Tenha coragem; você não está servindo um Mestre duro afinal de contas e, embora você se chame muito bem de servo inútil, tenha bom ânimo, pois um veredicto mais gentil será pronunciado sobre você em breve. Você não é seu próprio juiz, seja para o bem ou para o mal; outro juiz está à porta e quando Ele vier, Ele pensará melhor em você do que em sua auto-humilhação, permitindo que você pense em si mesmo. Ele julgará você pela regra da graça e não pela lei, e Ele acabará com todo aquele medo que vem de um espírito legalista e paira sobre você com asas de vampiro.

Lucas 17.11-19:

11 De caminho para Jerusalém, passava Jesus pelo meio de Samaria e da Galileia.

12 Ao entrar numa aldeia, saíram-lhe ao encontro dez leprosos,

13 que ficaram de longe e lhe gritaram, dizendo: Jesus, Mestre, compadece-te de nós!

14 Ao vê-los, disse-lhes Jesus: Ide e mostrai-vos aos sacerdotes. Aconteceu que, indo eles, foram purificados.

15 Um dos dez, vendo que fora curado, voltou, dando glória a Deus em alta voz,

16 e prostrou-se com o rosto em terra aos pés de Jesus, agradecendo-lhe; e este era samaritano.

17 Então, Jesus lhe perguntou: Não eram dez os que foram curados? Onde estão os nove?

18 Não houve, porventura, quem voltasse para dar glória a Deus, senão este estrangeiro?

19 E disse-lhe: Levanta-te e vai; a tua fé te salvou.

A lepra era uma doença que os judeus julgavam que era infligida para a punição de algum pecado em particular, e para ser, mais do que outras doenças, uma marca do desagrado de Deus; e, portanto, Cristo, que veio para tirar o pecado, e desviar a ira divina, teve um cuidado especial para limpar os leprosos que atravessaram seu caminho.

Eram dez leprosos que estavam longe, sabendo que pela lei a sua doença obrigava-os a manter distância. Então levantaram a voz, clamando que Jesus tivesse misericórdia deles.

Jesus os enviou para o sacerdote, para serem inspecionados por ele, conforme determinado pela Lei de Moisés. Eles obedeceram a sua ordem ainda quando não havia qualquer evidência de cura, pois o texto diz que enquanto caminhavam é que eles foram curados.

Creio que mesmo que houvesse perplexidade neles ou em alguns deles de que poderiam estar obedecendo em vão, pois em princípio não haviam observado qualquer melhora de sua enfermidade, eles seriam curados, uma vez que obedeceram ao comando que lhes fora dado pelo Senhor. Naamã, nos dias de Eliseu não foi curado mesmo oferecendo grande resistência em princípio a cumprir o que Deus lhe havia ordenado através do profeta? A bondade e a misericórdia de Deus sempre levam em conta as nossas fraquezas e perplexidades, e não poucas vezes ficamos envergonhados de nossa falta de total confiança nEle, pela muita bondade com que nos cerca apesar de todas as nossas imperfeições.

Na ordem dada aos leprosos de se apresentarem ao sacerdote para atestar a cura dos mesmos, e assim poderem ser liberados para o pleno convívio em sociedade, vemos como nosso Senhor tinha o cuidado de cumprir mesmo a lei cerimonial, apesar de saber que depois de sua morte e ressurreição não haveria mais a necessidade de ser cumprida. Até então ele cumpriu em tudo a Lei para que pudesse morrer no nosso lugar, para livrar-nos da maldição da Lei, que está sobre todos aqueles que transgridem os seus mandamentos.

Quando eles iam, ficaram limpos, e assim tornaram-se aptos para serem examinados pelo sacerdote e ser certificado que estavam limpos para poderem retornar ao convívio social.

Um deles, e apenas um, voltou para dar graças. Quando ele viu que estava curado, em vez de ir adiante ao sacerdote, para ser por ele declarado limpo, e assim dispensado do seu confinamento, o que foi tudo o que os demais apenas visaram, ele voltou na direção de quem foi o autor de sua cura, a quem ele desejava dar graças, antes de ir ter com o sacerdote.

Os nove que não voltaram para dar graças a Deus eram judeus, e seria de se esperar que a gratidão partisse deles, e no entanto, quem voltou foi um

estrangeiro, provavelmente um samaritano, porque Marcos informa que isto ocorreu na divisa entre a Galileia e Samaria..

Esta passagem revela que não é de fato por sermos religiosos, nascidos numa família que tem a seu dispor a Bíblia, que podemos ter a garantia de que somos de Deus e que o amamos.

O endurecimento que veio aos israelitas foi visto até mesmo em leprosos que foram curados por Jesus, e enquanto isto, um samaritano entrava no reino de Deus pois viu em Cristo muito mais do que alguém que fosse poderoso para curar a lepra do corpo, como também a do espírito.

Lucas 17.20-37:

20 Interrogado pelos fariseus sobre quando viria o reino de Deus, Jesus lhes respondeu: Não vem o reino de Deus com visível aparência.

21 Nem dirão: Ei-lo aqui! Ou: Lá está! Porque o reino de Deus está dentro de vós.

22 A seguir, dirigiu-se aos discípulos: Virá o tempo em que desejareis ver um dos dias do Filho do Homem e não o vereis.

23 E vos dirão: Ei-lo aqui! Ou: Lá está! Não vades nem os sigais;

24 porque assim como o relâmpago, fuzilando, brilha de uma à outra extremidade do céu, assim será, no seu dia, o Filho do Homem.

25 Mas importa que primeiro ele padeça muitas coisas e seja rejeitado por esta geração.

26 Assim como foi nos dias de Noé, será também nos dias do Filho do Homem:

27 comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e veio o dilúvio e destruiu a todos.

28 O mesmo aconteceu nos dias de Ló: comiam, bebiam, compravam, vendiam, plantavam e edificavam;

29 mas, no dia em que Ló saiu de Sodoma, choveu do céu fogo e enxofre e destruiu a todos.

30 Assim será no dia em que o Filho do Homem se manifestar.

31 Naquele dia, quem estiver no eirado e tiver os seus bens em casa não desça para tirá-los; e de igual modo quem estiver no campo não volte para trás.

32 Lembrai-vos da mulher de Ló.

33 Quem quiser preservar a sua vida perdê-la-á; e quem a perder de fato a salvará.

34 Digo-vos que, naquela noite, dois estarão numa cama; um será tomado, e deixado o outro;

35 duas mulheres estarão juntas moendo; uma será tomada, e deixada a outra.

36 [Dois estarão no campo; um será tomado, e o outro, deixado.]

37 Então, lhe perguntaram: Onde será isso, Senhor? Respondeu-lhes: Onde estiver o corpo, aí se ajuntarão também os abutres.

Temos aqui um discurso de Jesus relativo ao reino de Deus, isto é, o reino do Messias, que agora estava prestes a ser inaugurado, e quanto ao qual havia uma grande expectativa.

Foi uma pergunta feita pelos fariseus sobre quando viria o reino que precipitou esta resposta na qual nosso Senhor diz que o reino não deveria ser esperado como algo visível como o são os reinos deste mundo, pois ele se manifesta no coração de cada um daqueles que nele creem.

Que o reino do Messias era para ser um reino espiritual, e não temporal e externo, e assim a sua entrada é silenciosa, sem pompa e ruído.

O evangelho estava destinado a progredir no mundo até que fosse atingido o estado final da sua glória por ocasião do seu retorno para julgar o mundo e entregar o reino ao Pai.

Muitos trabalhariam para este propósito mas não o veriam cumprido em seus dias, pois somente Deus conhece o dia da volta do Filho com poder e grande glória.

O mundo seguia em seu curso natural e normal, como ocorreu nos dias de Noé e de Ló, e sobreveio repentinamente e sem aviso, o dia do dilúvio e a destruição de Sodoma e Gomorra. E de igual modo os juízos que serão precipitados e acompanharão a Sua volta hão de acontecer de modo repentino.

Somente a verdadeira fé em Deus, a confiança total nele poderá preservar a vida daqueles que estiverem vivendo no Dia do Senhor, que é um dia de trevas, e não de luz, como vemos nos profetas do Velho Testamento.

Tentar preservar a própria vida sem esta confiança em Deus será inútil pois Ele preservará somente aqueles que nele confiam.

A ceifa do juízo do Senhor passará sobre a terra, mas pessoas que se acharem nas mesmas circunstâncias e lugares serão distintamente tratadas por Ele, com base na sua fé, pois alguns serão deixados e outros serão tomados pelo juízo que virá, de modo que haverá muitos mortos e de tantos que são não haverá quem os sepulte, e por isso os abutres se ajuntarão para consumir suas carcaças putrefatas.

O evangelista Lucas apresenta todo este discurso de Jesus como sendo a resposta que ele havia dado à pergunta dos fariseus de quando e como se manifestaria o reino de Deus.

Se o reino já se encontra em curso de modo invisível nos corações dos convertidos a Cristo, todavia ele terá uma manifestação visível por ocasião da Sua segunda vinda, quando todo olho o verá, em grande glória e brilho, como os relâmpagos no céu.

Mas tudo isto, não sem antes que o Messias padecesse nas mãos dos homens e morresse na cruz. Esta informação visava principalmente a ajudar os fariseus a mudarem a sua crença em

um Messias invencível desde a sua manifestação com poder sobre todas as nações. As profecias sobre o Messias são bastante diretas e claras e não dão apoio à noção que havia se espalhado por gerações sucessivas em Israel de um Messias guerreiro e ditatorial. Especialmente Isaías o retrata como o Servo sofredor que levaria os nossos pecados sobre Si, e que nos justificaria pelo conhecimento espiritual dEle. O profeta Daniel também o apresenta na profecia das 70 semanas como o Ungido que deveria morrer antes que viesse como o grande libertador de Israel das garras do Anticristo no final da septuagésima semana.

O Seu reino não seria estabelecido ao mesmo molde político dos governos terrenos, pois não é como eles, e seus fundamentos não são políticos, mas justiça e verdade. Os Seus súditos, mesmo os maiores deles, são os que mais servem e os que são mais humildes, assim como o próprio Jesus, que é o Rei dos reis e Senhor dos senhores, é manso e humilde de coração, de modo que o Seu reino não é estabelecido pela força, mas pelo mover de convencimento e amor do Espírito Santo nos corações dos súditos.

Esta mansidão e humildade de Jesus, Sua longanimidade, bondade, amor, misericórdia e justiça foram clara e amplamente manifestados

por Ele em Seu ministério terreno, recebendo inclusive não somente a publicanos, como foi o caso de Zaqueu e Mateus, como até mesmo fez deste último citado um dos Seus apóstolos.

O reino de Deus não foi destinado a privilegiados, a uma classe de pessoas meritórias, mas a pessoas que se arrependessem de seus pecados, independentemente de sua condição perante a sociedade, de modo que até mesmo ladrões e prostitutas estavam se arrependendo e entrando no reino, enquanto muitos que se consideravam justos a seus próprios olhos, continuavam do lado de fora.